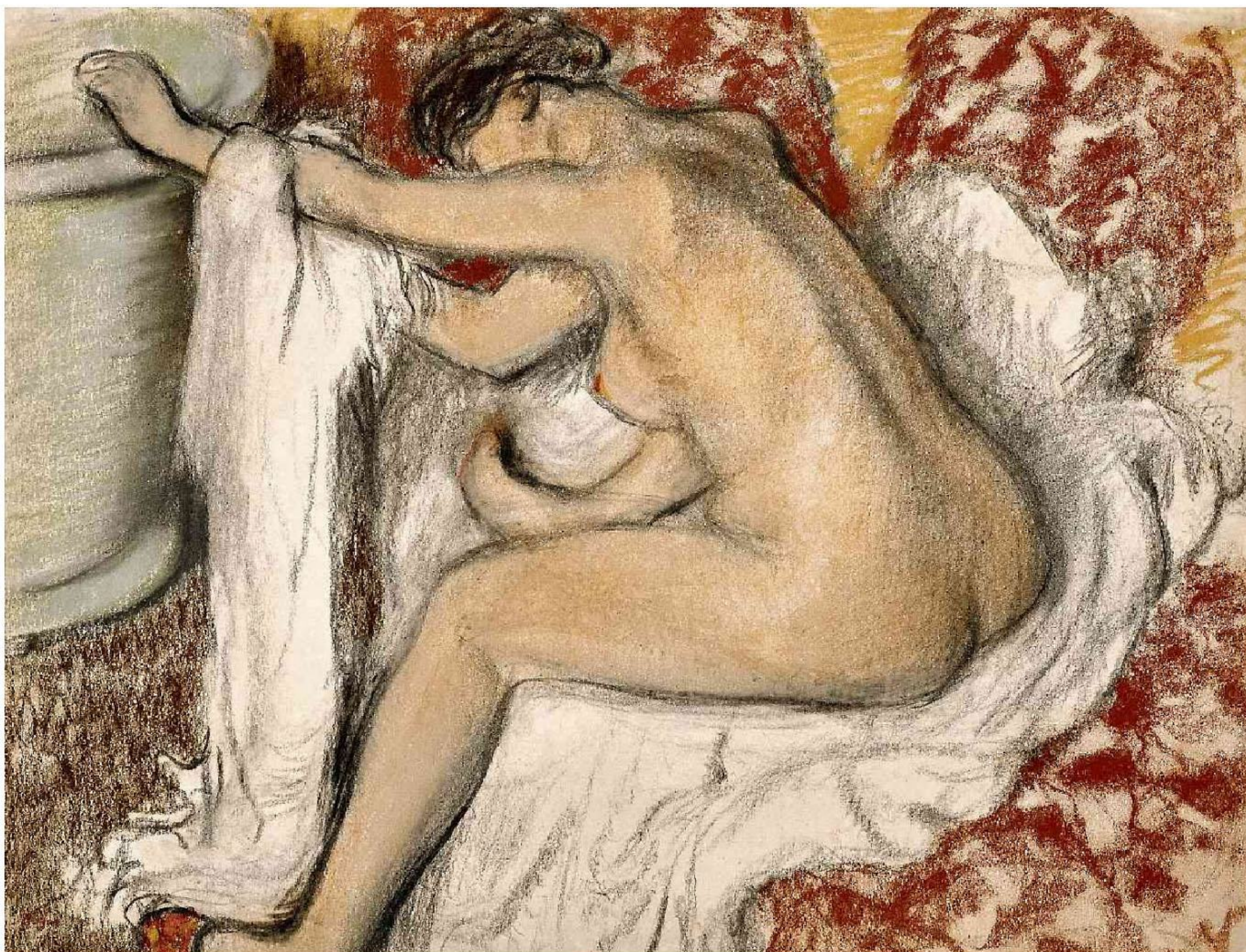
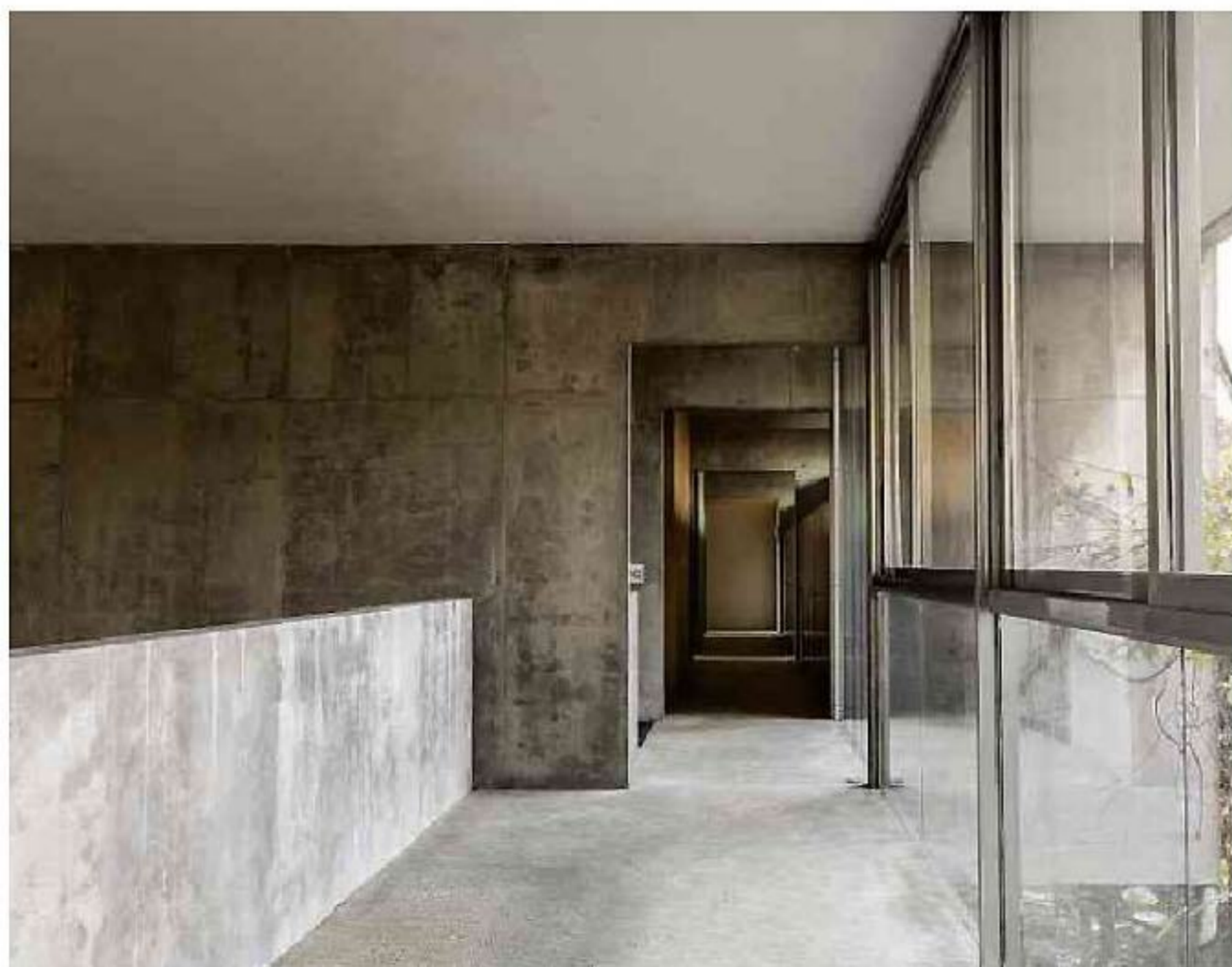


## ilustrada



'A Saída do Banho', de Edgar Degas, de 1884 Divulgação



Espaços da exposição 'Aberto 02', na casa da família Domschke, projeto arquitetônico de Vilanova Artigas, da década de 1970, na zona sul de São Paulo Fotos Ruy Teixeira/Divulgação



## Brutal chic

Continuação da pág. C1

Os paralelos entre arte e arquitetura se dão de diversas formas, e a obra de Leda Catunda anuncia que as relações afetivas entre as pessoas que frequentaram a casa também fazem parte da obra. A artista é uma amiga da família e frequentou o local na infância, trazendo uma leitura bastante pessoal para essa exposição.

Ao avançar pelo percurso, chegamos ao andar intermediário. Divisórias de vidro separam o ambiente interno, bem iluminado, do jardim. Obras de Ivens Machado, de concreto e ferro oxidado, marcam a relação com os elementos da construção das paredes.

“Tem essa relação da materialidade na casa e a materialidade na escultura — esse caráter bruto no trabalho do Ivens”, diz Claudia Moreira Salles, organizadora da mostra.

Na parede oposta, um quadro de Adriana Varejão exibe um ambiente azulejado, monocromático e modular. A obra dialoga com a parede de concreto, marcada por módulos. No lado oposto, “Descala 1b”, de Cildo Meireles — contemporâneo e contemporâneo de Machado — traz peças de aço em forma de cruz. “Tem esse diálogo do brutalismo, mas também o diálogo do ‘grid’ modernista”, diz Salles. Na próxima sala, há cadeiras assinadas por Humberto Campana, um dos designers brasileiros mais famosos no mercado de decoração, com troncos de madeira que recebem um encosto de aço. O encontro entre a matéria natural e a intervenção humana se torna claro na peça. Em paralelo, a madeira é usada com destaque nas obras de Vilanova Artigas para a construção das formas.

Uma divisória amarelada semitransparente separa a cozinha, que não estará acessível ao público, mas mantém o eletrodomésticos originais da

casa — exceto o fogão, que foi substituído por um cooktop. O fotógrafo Andrés Otero fez imagens da residência no intervalo entre a desocupação do imóvel e o início da instalação da exposição. Encontrou o espaço durante uma pesquisa por uma locação para fotografias de mobiliário. “Uma casa congelada no tempo há 50 anos”, afirma ele. A impressão é essa mesma. A cozinha mantém funcionais eletrodomésticos dos anos 1970, com pias, cubas, armários e carpete que são os mesmos desde a construção. Na parede, quadros de natureza morta de Maria Klabin estabelecem um diálogo com o passado da casa. A mulher de Alfredo Domschke, Lydia Domschke, era bióloga e morou na residência até a sua morte, em setembro do ano passado. A profissão motivou seu legado para a casa, que pode ser presenciado nas mais de dez árvo-

res frutíferas dos extensos jardins. “Contei essa história para Maria Klabin, que pintou essas mexericas”, afirma Filipe Assis, outro curador da mostra. No nível superior, o carpete ainda é o original. Uma paisagem rural de Tarsila do Amaral divide espaço com uma escultura de Lygia Clark, da série “Trepante”, e outra de Tunga, que sugere formas femininas. Quadros de Lucas Arruda trazem a horizontalidade marcante, textura e tons que conversam diretamente com a parede de concreto do ambiente. Uma obra de Anna Maria Maiolino traz uma forma diferente da geometria ortogonal da casa, menos industrial e mais orgânica, feita à mão. “Ainda tenho um processo artesanal muito grande, mesmo quando não precisa”, afirma a artista. Nos quartos, tanto a escada quanto os tons e as obras mudam. Há uma referência direta à família de Vilanova Arti-

gas. Um móvel projetado por ele para a casa de sua filha, Rosa Artigas, gerou uma coleção da mostra que conta com estante, aparador e livreiro. Rosa Artigas diz que o móvel foi um presente de seu pai, quando ela teve o segundo filho e se mudou para um sobrado. Sem condições de construir um projeto de seu pai, ela pediu melhorias para a casa. “Meu pai estava com essa ideia de ‘sólidos platônicos’ e acabou desenhando esse móvel para ser colocado debaixo da escada. Um móvel único.” Entre as obras, há homenagens à produção de Virginia Artigas, mulher do arquiteto. O ambiente é tomado por obras de cunho popular — entre quadros de Nilda Neves e Amadeo Luciano Lorenzato — em espelho à sua produção, bastante diferente do rigor formal do modernista. No ambiente está a obra intimista “Torso au Ruban

Bleu”, ou torço de fita azul, de Suzanne Valadon, em conversa com “A Saída do Banho”, de Degas. Ana Elisa Igreja faz intervenções que conversam especificamente com os banheiros da casa, com cores, uma roupa íntima e uma esponja pendurados. “Quando peço essas casas icônicas, quero muito trazer o lado banal, cotidiano, isto é, trazer a casa para o uso”, afirma a artista. De volta ao jardim e à parte externa da casa, o final da exposição guarda surpresas positivas. Os elementos pesados, apoiados no chão, de Francisco Brennand e Ivens Machado, dialogam com a leveza do barco de Davi Jesus do Nascimento, que flutua sobre a piscina da casa, ampliando os diálogos com a arte popular na vela.

## Aberto 02

Casa Domschke - r. Com. Elias Zarzur, 2.036, São Paulo. Qua. a dom., das 9h30 às 16h30. De 13 de agosto a 17 de setembro. De R\$ 60 a R\$ 80